



Recebido em:
05/08/2017
Aprovado em:
06/08/2017
Editor Respo.: Veleida
Anahi
Bernard Charlort
Método de Avaliação:
Double Blind Review
E-ISSN:1982-3657
Doi:

FORMAÇÃO DOCENTE NO INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS: (RE) DISCUTINDO A IDENTIDADE PROFISSIONAL DOS PROFESSORES DO CURSO DE LICENCIATURA EM QUÍMICA

STEPHANIE SILVA WEIGEL GOMES
REGINA MARIA DE OLIVEIRA BRASILEIRO
ELISABETE DUARTE DE OLIVEIRA

EIXO: 18. FORMAÇÃO DE PROFESSORES. MEMÓRIA E NARRATIVAS

Resumo

Essa pesquisa teve como objetivo refletir sobre a identidade profissional docente dos professores que atuam no curso de Licenciatura em Química do Instituto Federal de Alagoas - IFAL, a partir da sua formação e do trabalho docente desempenhado na instituição de ensino. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, que utilizou a pesquisa narrativa como abordagem metodológica. Os sujeitos escolhidos para essa investigação foram os professores efetivos do IFAL – Campus Maceió que atuam no eixo específico do referido curso. Os resultados da pesquisa possibilitaram iniciar uma reflexão sobre a necessidade de formação continuada para melhoria da prática pedagógica dos professores que atuam no curso de Licenciatura em Química do IFAL, bem como compreender como se dá o processo de formação da identidade profissional desses docentes.

Abstract

The objective of this research was to reflect about the professional identity of the professors who work in the bachelor course in Chemistry of the Federal Institute of Alagoas - IFAL, based on their training and the teaching work performed in the teaching institution. It is a qualitative research that used narrative research as a methodological approach. The chosen subjects for this investigation were the effective teachers of IFAL - Maceió Campus that act in the specific axis of the mentioned course. The results of the research made it possible to initiate a reflection on the need for continuous training to improve the pedagogical practice of the professors who work in the Degree in Chemistry of the IFAL, as well as to understand how the process of formation of the professional identity of these teachers takes place.

Introdução

Problemáticas que abordam a profissão docente nos permitem repensar e ressignificar a formação de professores, por isso discutir o tema é uma atitude desafiadora e instigante, ao tempo que nos faz refletir sobre o processo de ensino e aprendizagem nos cursos de licenciatura, na perspectiva de melhorar a qualidade da educação no país.

Sabemos que há uma escassez de professores, principalmente os voltados para os cursos nas áreas das ciências exatas, uma vez que a carreira docente está sempre condicionada a baixos salários, condições precárias expostas dentro da escola e da sala de aula, entre outros. Por esses motivos, muitas tem sido as tentativas de políticas de governo para incentivar a formação de professores com criações de programas como PARFOR, FIES, PROUNI, entre outras.

Nessa mesma perspectiva de incentivos a formação docente, o governo federal propõe a criação dos cursos de

licenciatura nos Institutos Federais, a partir da Lei 11.892, de 29 de dezembro de 2008 estabelece que:

Os Institutos Federais são instituições de educação superior, básica e profissional, pluricurriculares e multicampi, especializados na oferta de educação profissional e tecnológica nas diferentes modalidades de ensino, com base na conjugação de conhecimentos técnicos e tecnológicos com as suas práticas pedagógicas, nos termos desta Lei.

Com essa legislação, 20% das vagas dos institutos federais devem ser destinadas aos cursos de licenciatura, com uma proposta curricular que possibilite formar professores que garanta a articulação entre teoria e prática, para que os licenciados se sintam preparados para atuar na educação básica. Essa perspectiva tenta desfazer o que se convencionou na formação de professores nas universidades de um modo geral, em que muitas licenciaturas possuem, ainda, características de cursos de bacharelado, principalmente os das áreas das ciências exatas, em que há uma dedicação maior as disciplinas do eixo específico, quase que ignorando uma formação pedagógica necessária para atuação em sala de aula.

Por esses motivos, para realização dessa investigação a maior inquietação perpassa pela discussão de qual a identidade docente dos professores do curso de Licenciatura em Química, para atuarem nesse nível de ensino, considerando que ao ingressar no Instituto Federal, os professores devem estar aptos a atuar desde a educação básica até o ensino superior, inclusive em nível de pós-graduação.

O tema passa a ser relevante, considerando que o surgimento dos IFs é recente, com poucos trabalhos desenvolvidos nessa temática. O foco deste trabalho é refletir, a partir das narrativas, como esses professores se percebem enquanto docentes do curso de Licenciatura em Química, considerando o trabalho, a qualificação e a prática pedagógica desenvolvidos na instituição de ensino em que atuam.

Nessa perspectiva, realizamos a pesquisa qualitativa, com intuito de enfatizar o processo, preocupando-se em retratar a perspectiva de todos os sujeitos que contribuíram para a pesquisa.

Na pesquisa qualitativa todas as pessoas que participam da pesquisa são reconhecidas como sujeitos que elaboram conhecimentos e produzem práticas adequadas para intervir nos problemas que identificam. Pressupõem-se, pois, que elas têm um conhecimento prático, de senso comum e representações relativamente elaboradas que formam uma concepção de vida e orientam as suas ações individuais (CHIZZOTTI, 2001, p. 38).

Lima (2001, p.7) ainda complementa,

[...] entende-se como um enfoque investigativo, cuja preocupação primordial é compreender o fenômeno, descrever o objeto de estudo, interpretar seus valores e relações, não dissociando o pensamento da realidade dos atores sociais. Pesquisador e pesquisado são sujeitos recorrentes, e por consequência, ativos no desenvolvimento da investigação científica”.

Compreendemos que analisar os dados coletados significa “trabalhar” com todo material a ser obtido durante a investigação: relatos de observações, respostas de questionários, transcrições de entrevistas, análises de documentos, entre outras informações.

Como abordagem metodológica utilizamos a pesquisa narrativa para o resgate da memória e o relato das vozes dos sujeitos investigados, agregando sentido e significado ao que está sendo narrado. Segundo Guedes-Pinto (2002, p. 108), “a narrativa constitui-se, assim, como um instrumento de resistência, do ponto de vista do entrevistado, que pôde trazer possibilidades de um pensar sobre suas ações, inclusive de encontrar respostas para as suas inquietações, abrindo-lhes novas perspectivas, desvendando formas de resistir [...]”. As narrativas são compreendidas, ainda, como práticas sociais e expressões de experiências vividas.

Os instrumentos usados para realização da pesquisa foram a análise documental dos normativos referentes a implantação dos cursos de licenciatura nos Institutos Federais e o projeto pedagógico do curso de Licenciatura em Química do IFAL; e a entrevista semiestruturada com o objetivo de caracterizar e detalhar as narrativas dos

professores que foram investigados.

Os sujeitos escolhidos para a investigação foram os professores efetivos do eixo específico que atuam no curso de Licenciatura em Química do IFAL – Campus Maceió, no qual foram investigados 30% dos professores, num total de 5 sujeitos.

Formação Docente nos Institutos Federais

Desde os Centros Federais de Educação, Ciência e Tecnologia - CEFETs, em 2000, já havia a oferta de cursos de formação de professores, conforme o Decreto 3.462/2000, no seu Art. 1º, o qual confere autonomia para os CEFETs oferecerem “[...] cursos de formação de professores para as disciplinas científicas e tecnológicas do Ensino Médio e da Educação Profissional”.

Em 2003 houve um maior investimento no ensino superior dentro dos CEFETs, com aumento do quadro docente, melhoria da infraestrutura, ampliação da carga horária e duração dos cursos, mas não houve nenhuma articulação para a reorganização dos cursos de licenciatura.

Sendo assim Lima; Silva (2011, p.4) chamam a atenção para o posicionamento de alguns estudiosos da área sobre a implantação da formação do professor nos IFs.

Segundo Sousa e Beraldo (2009) essas normatizações sobre formação de professores nos IFs representam iniciativas para a solução do problema da escassez de professores, e reconhecem que o desafio imposto a essa nova institucionalidade pode gerar uma crise de identidade de tais instituições, uma vez que elas devem formular projetos educativos para atender alunos de diversas faixas etárias e níveis de ensino. Lembram que o histórico das instituições que compõem a RFEPT está diretamente relacionado à formação de profissionais para áreas técnicas. As experiências na formação de professores são recentes e restritas a algumas instituições. Afirmam ainda que esse quadro tenha implicações no trabalho docente e pode comprometer a qualidade do ensino.

A partir de 2008, a discussão a respeito da identidade profissional docente, começa a surgir com maior força, partindo da discussão da implantação dos cursos de licenciatura na Rede Federal de Educação de Educação Profissional em Tecnológica.

Como objetivo das licenciaturas nos IFs, Santos (não publicada) destaca a formação de um professor destinado a atuar na educação básica e/ou profissional, alegando que grande parte dos professores formada pela RFEPT se destina à própria educação profissional e tecnológica. Com isso aprofunda a questão sobre a coerência entre o que se faz na formação com o que se espera do cursista como profissional, partindo do entendimento que o futuro professor aprende a profissão no lugar em que vai atuar [...] (LIMA; SILVA, 2011, p.6).

A proposta de uma nova matriz curricular eficaz totalmente voltada para uma formação de professor trazida pelos Institutos Federais é considerada desafiadora, pois grande parte do corpo docente é formada por professores que só estão acostumados em formar técnicos, conseqüentemente preparar os alunos para um mercado de trabalho focado em indústrias, com traços educacionais da Revolução Industrial, quando se ensinava de acordo com a necessidade do mercado. Já como vantagem dos cursos de licenciatura criados nos Institutos Federais, além de ensino superior, há o ensino médio que proporciona um diferencial para o futuro professor, uma vez que o local onde ele estuda serve diariamente como área de observação e prática para o que será seu real campo de atuação, aproximando este licenciando da realidade do que é ser professor e das práticas de sala de aula.

Por esse motivo, para que o novo modelo de um curso de licenciatura funcione eficazmente, é necessário que os professores dos Institutos Federais estejam motivados a se prepararem para tal missão, dispostos a conhecer novos tipos de metodologias através de cursos de formação continuada, ficando assim, melhor preparados para ensinar a dar aula. É necessário que se compreenda que apenas saber sua respectiva disciplina voltada para o eixo específico, não é a única característica necessária para se formar um bom professor.

Mas será que esses professores estão realmente dispostos? O ideal seria que os profissionais ligados às licenciaturas fossem dedicados apenas a formação de professores, para que o curso tenha uma verdadeira identidade e funcione como planejado; mas, será que isso é possível? Os professores dos Institutos Federais que estão em sala de aula no ensino técnico em sua maioria são os mesmos professores que estão também atuando nas licenciaturas. Tal situação acaba gerando uma falta de identidade não só do profissional docente como também dos próprios cursos de licenciatura, onde os maiores afetados serão os licenciandos, que continuarão despreparados para atuar dentro de sala de aula como já vem ocorrendo nas Universidades Federais.

Caracterização dos Docentes

A construção da identidade dos professores é um questão muito complexa, considerando a apropriação que cada um faz de suas experiências vividas, de sua história e autonomia diante dos saberes adquiridos ao longo do seu processo formativo.

Nóvoa (2000, p.16) ao afirma que “a identidade não é um dado adquirido, não é uma propriedade, não é um produto. A identidade é um lugar de lutas e de conflitos, é um espaço de construção de maneiras de ser e de estar na profissão”.

Ainda segundo Nóvoa (1992), a construção da identidade docente ocorre a partir de três dimensões: pessoal, profissional e institucional. A dimensão pessoal refere-se aos processos de construção da vida do professor. Na dimensão profissional, são considerados os aspectos da profissionalização docente. Já na dimensão institucional destina-se aos investimentos que a instituição realiza para a obtenção dos seus objetivos educacionais.

Todas essas dimensões se configuram nas posições tomadas pelos professores durante a realização do seu trabalho docente, definindo a sua identidade profissional.

[...] uma identidade profissional se constrói, pois, com base na significação social da profissão; na revisão constante dos significados sociais da profissão; na revisão das tradições. Mas também com base na reafirmação de práticas consagradas culturalmente que permanecem significativas. [...] Constrói-se, também, pelo significado que cada professor, enquanto ator e autor, confere à atividade docente em seu cotidiano, em seu modo de situar-se no mundo, em sua história de vida, em suas representações, em seus saberes, em suas angústias e anseios, no sentido que tem em sua vida o ser professor (PIMENTA, ANASTASIOU, 2002, p.77)

Para melhor compreender a formação dos professores do IFAL e suas experiências enquanto docentes, optou-se por caracterizar um a um utilizando a sigla “P1”, “P2” e “P3”, para preservar a identidade dos entrevistados.

P1 tem 43 anos, é casado, natural de Maceió, foi aluno de escolas privadas durante a educação básica, possui Graduação em Licenciatura em Química pela Universidade Federal de Alagoas e mestrado e doutorado na Química também pela UFAL. Quanto a escolha pela profissão docente, o entrevistado diz que “ser professor”, uma vez que o mesmo iniciou sua graduação em engenharia química, e começou a dar aulas de química para ter uma fonte de renda, a partir disso o entrevistado cita que começou a gostar de ensinar e optou pela transferência para um curso de licenciatura, e afirma gostar de ser professor. P1 é professor há 20 anos e possui experiências em redes privadas, estaduais da educação básica e foi professor da Universidade Estadual de Alagoas, atualmente é professor apenas do IFAL e atua no curso de Licenciatura em Química e no médio integrado de Química.

P2 tem 40 anos, casado, nascido em Recife/Pernambuco, durante o ensino médio estudou na Escola técnica Estadual de Pernambuco. Possui graduação em licenciatura em Química pela Universidade Federal Rural de Pernambuco e mestrado e doutorado pela Universidade Federal de Pernambuco. A escolha pela profissão docente ocorreu durante sua graduação, quando o entrevistado relata ingressou no curso de licenciatura pois queria ter um curso superior e após ter contato com a aprendizagem, percebeu que era a profissão que ele queria e gosta de exercer-la. O entrevistado já trabalhou em escolas particulares e da rede pública municipal e estadual no nível fundamental e médio. Tornou-se professor do IFAL por acaso, quando prestou concurso para o IFPE e foi remanejado para o IFAL. No

instituto Federal de Alagoas atua como formador de cursos de formação continuada para professores, onde esses professores trazem suas respectivas realidades dentro de sala de aula e o intuito do curso é trabalhar em cima dessa realidade dentro das escolas desses professores, também é professor dos níveis médio, técnico, superior e pós-graduação do IFAL.

P3 tem 33 anos, é casado, natural de Maceió, cursou o ensino médio em escola privada, possui graduação em Licenciatura em Química pela Universidade Federal de Alagoas, mestrado em química orgânica, inorgânica e organometálica e doutorado em química orgânica. Quanto a escolha de sua profissão, conta que foi conduzido a ser professor, e explica que embora tenha feito um curso de licenciatura, o mesmo possuía características de bacharelado com algumas disciplinas do eixo pedagógico que o habilitava a ser professor. Escolheu ser professor do IFAL, pois segundo ele poderia contribuir de forma mais significativa na educação federal e também pela estabilidade financeira. Já lecionou nas redes estaduais e municipais de ensino e foi professor substituto da UFAL, atualmente atua nos cursos técnicos de química, na licenciatura em química, nos cursos tecnológicos de tecnologia de alimentos e também nos programas de pós graduação do IFAL.

Após a caracterização dos sujeitos investigados, já é possível perceber o quanto esses professores são polivalentes, em sua maioria presentes em grande parte das modalidades oferecidas pelo IFAL, sendo assim, é notável a dificuldade desses docentes em definir uma única identidade profissional docente.

Todas essas dimensões se configuram nas posições tomadas pelos professores durante a realização do seu trabalho docente, definindo a sua identidade profissional.

[...] uma identidade profissional se constrói, pois, com base na significação social da profissão; na revisão constante dos significados sociais da profissão; na revisão das tradições. Mas também com base na reafirmação de práticas consagradas culturalmente que permanecem significativas. [...] Constrói-se, também, pelo significado que cada professor, enquanto ator e autor, confere à atividade docente em seu cotidiano, em seu modo de situar-se no mundo, em sua história de vida, em suas representações, em seus saberes, em suas angústias e anseios, no sentido que tem em sua vida o ser professor (PIMENTA, ANASTASIOU, 2002, p.77).

Nesse sentido, a identidade do professor passa por um processo constante de revisão dos significados sociais da sua profissionalização.

As narrativas docentes e suas práticas

Para melhor compreender a formação dos professores do IFAL e como o próprio Instituto pode estar colaborando com a continuidade desta para seus próprios docentes, além de caracterizar os professores também foram feitos outros questionamentos para compreender suas respectivas relações com os cursos de licenciatura do IFAL.

Assim sendo os professores foram questionados sobre o que significa ser professor de um curso de Licenciatura do Instituto Federal de Alagoas, e notou-se que os docentes encaram isso como um grande desafio, pois se preocupam em como os futuros docentes serão formados, isso pode ser percebido em suas falas:

Tem um significado grande, primeiro porque, além disso que eu falei antes, que você vai contribuir com a aprendizagem dos alunos e também você ser exemplo, porque as vezes eu vejo que tem professores que não percebem que estão num curso de licenciatura, os alunos que tão fazendo um curso de licenciatura eles vão ver naquele professor o que eles vão ser mais na frente, então o professor que dá aula na licenciatura ele tem que perceber que os alunos são de licenciatura e que a atuação dele pode refletir na formação do aluno mais na frente.[1] (P2)

Tenho que respirar, minha querida, essa resposta não é fácil não, a motivação ela já é reflexo dentro do que eu já coloquei, eu me motivo em si na perspectiva de contribuir para

a área de química, onde temos todos os índices desfavoráveis ao processo de formação e tá nesse processo fazendo a minha parte, permitindo que eu consiga formar mais docentes, esse é o ponto chave.(P3)

Concordamos como Marinho (2015, p.71) “[...] a formação continua de professores assumem um papel importante para a ressignificação da crise de identidade profissional docente.”, sendo assim, percebe-se que os docentes dos cursos de licenciatura necessitam estar em processos de aprendizagem contínuos que auxiliem na tanto em suas áreas específicas de ensino, quanto em suas práticas docentes, para que os mesmos consigam alcançar as melhores maneiras de formar um professor, por esse motivo os docentes foram questionados a respeito dos possíveis cursos de formação continuada realizados por eles para saber se estes proporcionaram melhoria em suas práticas pedagógicas enquanto professores das licenciaturas

Sim, sempre nós temos que ter, pelo menos assim... eu pauto no meu conhecimento, eu tenho que sempre melhorar, ou melhor dizendo, nunca nada está pronto ou finalizado, então tem situações a gente proferir cursos de formação continuada, a gente sempre se pauta na perspectiva da melhoria. (P3)

Sim, porque você aprende a ligar, atrelar a teoria com a prática, você aprende a ter a prática pedagógica não a prática... em química as pessoas confundem muito isso, existe a pratica de laboratório e existe a pratica pedagógica, aqui a gente tá falando de prática pedagógica, ajuda você a entender a pratica pedagógica associada a bagagem que você tá levando, o conteúdo que você tá ali abordando.(P1)

A partir de suas falas percebemos que os docentes reconhecem a necessidade de participar de cursos de formação continuada, alguns destes cursos, segundo os próprios docentes são ofertados pela própria instituição de ensino, visto que o IFAL ainda é muito recente, compreende-se a necessidade de melhor formar esses professores que antes não estavam habituados a lidar com formação de professores. Por esses motivos, os professores foram questionados sobre suas primeiras experiências no ensino superior, para melhor entendermos se começaram a trabalhar com a formação de professores antes ou apenas com a chegada do curso no IFAL, e eles responderam:

Assim teve concurso público na Universidade Federal de Alagoas pra substituto, eu já era aluno do curso de doutorado, tinha uma carga horária que dava pra desenvolver as atividades, prestei concurso e passei, ao passar resolvi ministrar aproximadamente 1 ano na Universidade, depois vim pra cá. (P3)

Quando eu passei no concurso pra ensinar na UNEAL, eu era antigamente só professor do ensino médio, aí em 2004... fiz o concurso em 2003, em 2004 fui chamado pra ensinar na UNEAL pelo concurso, aí comecei no ensino superior. (P1)

*Desde que eu entrei aqui quando surgiu o curso superior a gente tinha que atuar. **Mas aqui foi sua primeira experiência como professor** Não, já tive dois anos de experiência como professor substituto na Universidade Federal Rural de Pernambuco, e lá eu ensinava no curso de licenciatura em química (P2)*

Sendo assim, notamos que os professores entrevistados já haviam tido contato com o ensino superior antes de atuarem nos cursos de licenciatura do IFAL

Segundo Lima e Silva:

Como objetivo das licenciaturas nos IFs, Santos (não publicada) destaca a formação de um professor destinado a atuar na educação básica e/ou profissional, alegando que grande parte dos professores formada pela RFEPT se destina à própria educação profissional e

tecnológica. Com isso aprofunda a questão sobre a coerência entre o que se faz na formação com o que se espera do cursista como profissional, partindo do entendimento que o futuro professor aprende a profissão no lugar em que vai atuar [...] (LIMA; SILVA, 2011, p.6).

Nessa perspectiva temos em mente que os formadores de professores são os mesmos que atuam na educação básica dentro de uma mesma instituição, o que pode ser um ponto positivo, uma vez que os docentes estão inseridos em um ambiente em que eles estão ensinando os licenciandos a atuar, facilitando a troca de informações e experiência na educação básica, fator este essencial como podemos verificar na fala dos mesmos:

[...], a principal diferença num processo de formação diferenciado quanto a formação docente, é justamente por a rede federal ter ensino básico, técnico e tecnológico que oferta cursos superiores, em específico cursos de licenciaturas temos atrelado a rede a educação básica, e eu sempre me pauto em dizer o seguinte e assim eu trabalho, eu sempre quero estar na educação básica pra poder conhece-la, como é que vou formar um professor se eu sou docente e não conheço a educação básica O seu funcionamento, as suas dificuldades... e tendo entendimento que é justamente na educação inicial, na educação básica que devemos fortalecer toda a educação. (P3)

Esse diferencial de trabalhar em diferentes modalidades de ensino em uma única instituição pode ser bom por um lado, porém pode ser um fator complicador em relação as práticas pedagógicas utilizadas pelos professores nas diferentes modalidades, por esse motivo, os docentes entrevistados foram questionados se há uma diferença entre a pedagógica para ensinar no curso de Licenciatura e em outros cursos/níveis/modalidades de ensino no IFAL e eles dizem que:

Sim, eu trabalho de forma totalmente diferente, quando eu trabalho no ensino médio eu trabalho com um conhecimento, um nível de que o aluno tá ali,[...] mesmo no curso técnico integrado ao médio, embora ele vá ser um profissional, devido à idade dele, é mais uma questão de passar o conhecimento, mostrar onde ele se aplica, mas ele vai fundamentar, alicerçar o conhecimento dele ali, já no nível superior não, eu trabalho muito com deixar o aluno, o estudante produzir o conhecimento, no médio é mais passar o conhecimento e deixar até que ele acrescente com o que ele tem mas no superior não, sempre trabalho com o aluno produzindo conhecimento ,[...] (P1)

Sim tem diferença sim, é como eu te falei quando a gente tá trabalhando num curso da licenciatura, a gente tem que perceber que o aluno se espelha na gente como professor então é diferente algumas posturas que temos que ter no curso de licenciatura é uma postura um pouco diferente da postura que temos em outros cursos, então por exemplo, não que em outras modalidades não haja mas na licenciatura tem que se levar em conta a interação com o aluno da licenciatura, então o professor ele não pode ficar muito distante do aluno, tem que na sua prática esse ponto ele tem que tentar colocar que é uma interação próxima com o aluno. (P2)

Percebe-se ainda uma certa confusão e talvez uma falta de preparo em distinguir em como devem ser suas práticas pedagógicas para atuar em diferentes modalidades. Concordamos com Houssaye(1995) e Pimenta (1996a,apud Pimenta 1997,p.6)quando diz que “ É nesse contexto que as pesquisas sobre a prática, estão anunciando novos caminhos para a formação docente. Um deles, refere-se à discussão sobre a identidade profissional do professor, tendo como um de seus aspectos a questão dos saberes que configuram a docência.”

Os professores ainda foram questionados a respeito do que significa formar um licenciando para eles, e respondem:

Significa formar um docente crítico, consciente do seu papel para a sociedade e que este possa sim melhorar a educação básica. (P3)

Formar um licenciando é deixa-lo em condições de atuar nesse mercado de trabalho, tentar formar um bom profissional que esteja ciente do que ele vai fazer como professor, das características que ele tem que ter como professor, então acho que isso é o principal. (P2)

Ainda sobre a formação dos licenciandos, são questionados se existe alguma diferença entre a formação dada pelo IFAL para as demais instituições que ofertam a Licenciatura e afirmam que:

Olha mais uma vez eu vou me respaldar na minha formação, e a resposta basicamente será semelhante a algumas anteriormente já dita, mencionadas, o meu curso eu entrei para licenciatura em química, o meu curso só tinha o nome de licenciatura em química, mas a minha formação era puramente bacharel, nunca tive uma disciplina que eu tivesse uma orientação para ministrar uma aula, nunca tive uma orientação como planejar uma aula, nunca tive uma orientação do conhecimento da sistemática do funcionamento da educação, de uma unidade do ensino da educação básica, e comparando o processo de formação que eu passei com o que nós podemos propor, é perceptível que o que a gente tem hoje e fazendo um defesa em função desse instituto, é que sim nós temos um curso que forma professores para atender a educação básica. (P3)

Podemos observar que para os docentes em sua maioria formar os licenciandos ainda é bastante desafiador, tendo em vista que no novo modelo de licenciatura proposto pelo IFAL, serão formados não só novos colegas de profissão, como pessoas que podem fazer toda diferença na educação básica nos tempos atuais, onde a maioria dos professores observam uma diferença na formação que esses licenciandos tem baseados inclusive em suas próprias formações, como também nas formações que outras instituições que oferecem, as quais não possuem características voltadas para formar professores.

Os docentes ainda foram questionados se eles se sentem preparados para atuar como professores formadores de professores:

Sim, eu já faço isso, porque é [...] Primeiro por que eu já conheço, assim nossa aqui por exemplo de só conhecer a educação básica, e eu já tenho essa experiência há algum tempo de contribuir pra melhor formação do professor, a gente sabe das dificuldades que eles tem na escola , então a partir dessas dificuldades que eu já conheço, aí a gente prepara um plano de curso que passa direcionar ele pra atuar diretamente lá na escola dele. (P2)

Sem falsa modéstia, eu me sinto sim pelos anos de experiência que tenho. (P1)

Olha, a auto avaliação é complicado, quebrando o protocolo, existem discentes que dizem: “você tem uma boa prática profissional”, existe discentes que dizem; “você não tem uma boa prática profissional”, eu digo o seguinte, nem Jesus cristo conseguiu agradar a todos, sem a minha pessoa ou com a minha pessoa, a disciplina tem que caminha né, então pra ser sincero não tenho esse poder de auto avaliação, em alguns casos específicos eu passo eu passo normalmente um questionário buscando justamente avaliar a minha prática pedagógica, bem até hoje eu só tive um caso específico do aluno mencionar que não era boa, não entendia, mas assim num universo de acho que 40 alunos, um se manifestou, me chamou atenção e eu fui sondar quem era o aluno, ao sondar quem era o aluno, o aluno mal aparecia em sala de aula, então não dava pra mensurar qual a influência ou não da minha pessoa ministrando. (P3)

Concordamos com Machado (2008) quando apresenta o perfil docente a ser formado para a educação profissional como um sujeito da reflexão e da pesquisa, disposto para o trabalho coletivo e aberto a crítica, com compromisso com a sua qualificação permanente, tendo conhecimento da sua profissão, sabendo dos limites e possibilidades do

trabalho docente que realiza e precisa realizar.

Dessa forma, a partir das entrevistas realizadas com os docentes é possível perceber que, como os cursos superiores são recentes nos IF's, e os professores que já atuam no nível técnico passam a se adaptar a essa nova realidade, que o trabalho docente não possui uma identidade própria, tendo ele que reorganizar a sua prática docente para atender a toda essa diversidade educacional, que requer estudos e metodologias próprias para cada nível e modalidade de ensino, além de possibilitaram perceber as concepções e perspectivas da formação de professores nos cursos de licenciatura oferecidos pelos Institutos Federais como uma oportunidade para os mesmos se qualificarem.

Isso nos permite afirmar que a docência é uma atividade profissional complexa, que demanda saberes diversificados e, por isso, é preciso discutir cada vez mais a questão da identidade profissional docente.

Considerações Finais

Essa pesquisa teve como objetivo refletir sobre a identidade profissional dos professores dos cursos de licenciatura do Instituto Federal de Alagoas, a partir de suas respectivas formações docentes e desempenhos na instituição de ensino.

Com os resultados encontrados, percebemos que a formação inicial não só pressupõe apenas uma construção de caráter acadêmico e disciplinar, mas também pretende dar resposta às novas demandas de atuação do professor como um dos agentes sociais mais ativos das mudanças.

Justifica-se pela necessidade de uma qualificação profissional para o exercício da função docente, devendo estar, no entanto, adequada às exigências educativas e de ensino - aprendizagem dos educandos nos vários níveis de ensino.

Após a análise das entrevistas, foi possível notar que os professores que atuam nos cursos de licenciatura do IFAL estão em processo de construção de suas respectivas identidades profissionais, bem como a própria instituição encontra-se no mesmo processo, uma vez que estes foram impostos a tais mudanças, independente da característica da instituição ou da formação dos docentes. Com isso, percebe-se a necessidade de uma melhora no processo formativo desses e uma adaptação de suas práticas pedagógicas, para que estes estejam aptos a formar novos professores.

A formação assume-se como um processo pelo meio do qual, o docente aprende e desenvolve habilidades inerentes à sua prática. Nesta perspectiva, a formação do professor deve ser vista não só como uma habilitação para qualificá-lo como um profissional, mas como o desenvolvimento de ações que propiciem ao mesmo tempo, uma constante retomada dos conhecimentos específicos com os quais trabalha, dando a possibilidade de reflexões em torno da sua preferência.

Apesar de existirem diferentes concepções sobre as fases ou etapas do processo de formação de professor, podemos dizer que qualquer formação deve ser permanentemente inovada, tendo em conta a evolução dos saberes, das tecnologias e da sociedade.

Diante disto percebe-se que é emergente nos cursos de formação inicial uma ampla reflexão acerca da profissionalização docente e ainda que os cursos de formação continuada dêem ênfase aos conhecimentos da prática dos professores formadores, objetivando avançar e amenizar as lacunas existentes nos formatos que estes cursos são ofertados atualmente, como receitas prontas tornando-os meros executores e tarefas, ainda.

Referências

BRASIL. **Decreto no 3.462, de 17 de maio de 2000.** Dá nova redação ao art. 8º do Decreto nº 2.406, de 27 de novembro de 1997, que regulamenta a Lei nº 8.948, de 8 de dezembro de 1994. Brasília, 2000. Disponível em: . Acesso em 01 fev. 2012

. **Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008.** Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. Brasília, 2008. Disponível em: . Acesso em: 01 fev. 2012.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 2001.

COSTA, C. J. DE S. A ;HADDAD, L (orgs). **Formação do pesquisador em educação:**

questões contemporâneas. Maceió: EDUFAL, 2007, p.161-17

FERRAROTTI, Franco. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, Antônio. **O método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: Ministério da Saúde GUEDES-PINTO, A. L. **Rememorando trajetórias da professora-alfabetizadora: a leitura como prática constitutiva de sua identidade e formação profissionais**. Campinas, SP: Mercado de Letras,2002

LIBNEO, José C. Que destino os pedagogos darão à pedagogia In: PIMENTA, Selma G. (org). **Pedagogia, ciência da educação** São Paulo: Cortez, 1996 (a)

LIMA, F. B. G. de; SILVA, K. A. C. P. C. da. **As licenciaturas nos institutos federais: concepções e pressupostos**. 2011. Disponível em: <http://www.ceped.ueg.br/anais/ivedipe/pafs/didatica/co/40-164-2- SP.pdf>>. Acesso em: 01 fev. 2012.

MACHADO, L. R. de S. Diferenciais inovadores na formação de professores para a educação profissional. **Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica**. Brasília: MEC, SETEC, vol. 1, n. 1, p.8-22, jun., 2008.

MARINHO, P. Identidades profissionais docentes- na “desordem” construindo uma “nova ordem”. **Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos**, v.3, n.5, p. 60-75, 2015.

NÓVOA, A. Diz-me como ensinas, dir-te-ei quem és e vice-versa. In: FAZENDA, I. (org.). **A pesquisa em educação e as transformações**

NUÑEZ, I. B.; RAMALHO, B. L. A pesquisa como recurso da formação e da construção de uma nova identidade docente: notas para uma discussão inicial. **EccoS Revista Científica**, junho, vol. 7, n. 001, Centro Universitário Nove de Julho, São Paulo, p. 87-111.

PIMENTA, S. G. Formação de Professores- saberes da docência e identidade do professor.**Nuances**,vol III p.5-14, 1997.

SANTOS, R. M. B.; PIZZI, L. C. V. A polivalência do trabalho docente hoje. In: PINTO, A. de C.; COSTA, C. J. de S. A.; HADDAD, L. (orgs.). **Formação do pesquisador em educação: questões contemporâneas**. Maceió: EDUFAL, 2007, p.161-174.

[1] Foi utilizado *Itálico* e fonte 12 , para dar ênfase à fala dos entrevistados.